

Mais*

“ Vim para a rodoviária porque não tinha pra onde ir. Foi o teto que achei **Elisabete Pinheiro**”

Moradora da rodoviária



Dona Elisabete, 71, há dois anos dorme todas as noites na rodoviária

‘Não vamos colocar para fora’ diz gerente

Apesar de administrada por uma empresa, a rodoviária de Salvador é um lugar público como outro qualquer. Por isso, na teoria, ninguém pode ser expulso dali. E, neste caso, é o que acontece na prática.

Adevaldo Santos, gerente de operações da estação, diz que ele e os outros funcionários se esforçam para dar o mínimo de dignidade aos “moradores” do terminal. Além de providenciar banho e alimentação quando possível, buscam informações de familiares para tentar colocá-los em contato com as famílias.

“Na maioria das vezes conseguimos deslocá-los para albergues. Mas já ouvi de alguns que aqui é melhor. Os albergues são temporários”, explica. “Não vamos colocá-los para fora como se fos-

sem bichos. Nossa filosofia não é essa. Fazemos o que podemos”, diz Adevaldo.

Há muitos casos de gente que simplesmente não consegue embarcar por falta de dinheiro. “Quantos já mandamos de volta para casa, inclusive de outros estado? Já fizemos muito contato com famílias. Na semana passada, juntamos dinheiro para mandar uma senhora para o Rio de Janeiro”.

A rodoviária é administrada pela Sociedade Nacional de Apoio Rodoviário e Turístico Ltda (Sinart) por licitação. A Agerba, vinculada ao governo do estado, fiscaliza a regulação dos transportes. Mas quem cuida da estrutura e controla a segurança do local é a Sinart. Entre equipe de limpeza, fiscais de terminal e operações, a empresa tem 220 colaboradores.



É preciso se encolher para enfrentar a dura madrugada na Rodoviária



Estação dos sem-teto: os equilibristas das cadeiras azuis sofrem para dormir com alguma segurança

SALVADOR EXTREMA POBREZA

Sem pa

Para muita gente, a rodoviária não é passagem. É morada mesmo

Alexandre Lyrio

alexandre.lyrio@redebahia.com.br

O lugar que existe para ser abrigo provisório, ponto de partida para outros tantos lugares, por onde 750 mil pessoas a cada mês apenas passam, de onde geralmente se quer sair, a aposentada Elisabete Pinheiro, 71 anos, tem como destino final. Há dois anos, o Terminal Rodoviário de Salvador é a sua morada, a casa que abriga suas esperanças, o último teto dos seus sonhos.

Passa de 1h da madrugada. Sentada, encurvada para o lado direito — a forma que encontrou para ajuntar-se entre os braços de duas cadeiras da área de desembarque — dona Elisabete dorme ali todas as noites. E passa boa parte dos dias. Ela e outros tantos.

O número varia, afinal de contas alguns conseguem se mudar dali. Mas, nos dois dias que o CORREIO visitou o terminal, cerca de 15 pessoas tinham a rodoviária como morada.

No terminal, tem os que simplesmente esperam o ônibus. Mas tem os que esperam a vida lhes dar uma oportunidade. São moradores de rua, gente com transtorno mental, bêbados ou simples equilibristas das cadeiras azuis. Até porque não é permitido ficar no chão. Mas tem sempre alguém que consegue se esconder. Dona Elisabete usa como travesseiro os poucos pertences que lhe restam. Uma pequena caixa de papelão e uma sacola com roupas e produtos higiênicos.

“O certo pra dormir é por aqui mesmo”, diz Elisabete, explicando que foi expulsa de uma casa de família onde trabalhava. “Teve um problema aí. O pessoal me botou pra rua”. Não sabe dizer ao certo onde morava. “Eu morava... Era gente minha... Uma família. Mas teve um problema aí e me botaram pra fora”. Mas, por que a rodoviária? “Vim para a rodoviária porque não tinha pra onde ir. Foi o teto que achei”.

Não se recorda a última vez que deitou sobre uma cama. Imaginem. Toda noite, sua cervical septuagenária entorta-se aos poucos para o lado direito até cair em sono profundo. Como consegue? “É o jeito”, resume-se a dizer.

Os funcionários das lojas 24 horas conhecem a história de

cada um. Nesses dois anos, Elisabete contou muito mais para a balconista da lanchonete do que para a nossa reportagem. “Ela praticamente mora aqui. Assim como muitos e muitos. Já perguntei se ela tem filho, ela diz que nunca teve filho. Diz que é de Feira de Santana e o marido morreu. A família que sobrou botou ela pra fora”.

Também acredita que Elisabete, a qual chama de “Tia”, teve o cartão de aposentadoria roubado. “Tia diz também que é aposentada. Parece que alguém pegou o cartão dela e tá recebendo o dinheiro. Ela não tem documento nenhum”.

A falta de documentos é comum entre os que se refugiam no terminal. Mas, diferente de outros locais públicos, a rodoviária se mostra acolhedora. Os próprios seguranças da estação costumam ajudar os sem-teto.

“Rapaz, é uma guerra, viu! A gente tenta contribuir de alguma forma, providência banho e até alimentação quando possível. A gente também procura as famílias deles. Só tiramos daqui à força se nos causam problemas. Mas, no geral, eles são tranquilos. E a gente ajuda, viu”, diz Evanildo dos Santos, que trabalha como agente de plataforma há 13 anos, muitos deles nas madrugadas. “É uma situação

FOTOS DE BETTO JR.



750
Mil pessoas
passam na rodoviária
todos os meses

2
Mil pessoas
trabalham no local,
entre equipe e lojistas

“ Eu vim trabalhar. Aqui a orla é grande e achei que arrumaria emprego, mas procurei e nada **Euvídio Egvarth**

Catarinense, que está morando na rodoviária



Seu Euvídio, 62 anos: catarinense está 'preso' há 5 meses no terminal

rtida

“ muito triste”, define.

Somados aos funcionários de diversas empresas e lojas, 2 mil pessoas trabalham na rodoviária. Enquanto isso, todos os meses, 450 mil pessoas embarcam e desembarcam nas plataformas de ônibus da rodoviária de Salvador. Com os circulantes, no total 750 mil pessoas utilizam a estação a cada mês.

COZINHEIRO

Aparência e sobrenome alemães e cara de garçom do Tchê Picanhas, Euvídio Egvarth, 62 anos, dorme em uma das cadeiras da área de embarque. A cabeça está apoiada na palma de uma das mãos.

De fato, não é garçom, mas cozinheiro, churrasqueiro de mão cheia. Veio de Santa Catarina para Salvador em busca de emprego. Gastou o dinheiro que tinha, teve o celular roubado e há cinco meses está “preso” na rodoviária.

“Eu vim trabalhar. Aqui a orla é grande e achei que arrumaria emprego. Mas procurei em todas as casas e nada”, conta Euvídio. Sem ter como se comunicar com a família, de vez em quando consegue falar com os filhos. Mas, envergonhado, ainda não disse a verdade a eles.

“Eles pediram para mim voltar. Mas não falei que eu tava na rodoviária, não”, admi-

tiu. Precisa do valor da passagem para retornar, mas ainda sonha com o trabalho. “Estou esperando os retornos. Mas sem celular fica difícil”.

ANIVERSÁRIO

Mãe e filha usam uma folha de papelão para apoiar as costas nas cadeiras. Dormem de frente uma para a outra. A menina, hoje com 10 anos, sequer lembra enquanto a mãe conversa com a gente.

Segundo funcionários da rodoviária, as duas moram ali há três anos. Mas a mãe nos confidencia que vive nos terminais da vida há mais tempo. Já chegou a morar no aeroporto. Depois, passou uns tempos na rodoviária de Feira de Santana.

Ela diz que anos atrás ela e a filha foram expulsas de casa por bandidos. “Marginais me botaram para fora e vim parar aqui. Eu morava aí em cima”, disse, apontando para o lado de Pernambuco.

De todos os moradores do terminal, mãe e filha são os que mais chamam a atenção. Afinal de contas, trata-se de uma criança de 10 anos. “Já veio até conselho tutelar, mas ninguém resolve”, disse um segurança, que preferiu não se identificar.

Enquanto isso, a mãe diz que sua nova casa está ficando pronta. “Só falta os telhados e

os blocos da parede”, garante. Ou seja, falta quase tudo. Os funcionários dizem que não há casa. “É viagem dela”, alertou um segurança. Mas o fato é que a mãe arrumou um bico. Tem lavado carros na região do Shopping da Bahia.

Recentemente, a filha ganhou um dia de princesa no dia do aniversário. Uma mulher que a conheceu gravou um vídeo da menina e espalhou nas redes sociais. Ela pediu uma festa. Dezenas de pessoas se juntaram e organizaram um aniversário de arromba. “Foi ótimo. Mas foi só por um dia, né?”, diz a mãe.

Infelizmente, nem todas as histórias de vitórias são perenes, como a de um cadeirante que chegou a viver anos na rodoviária. Era o único morador que dispensava as cadeiras azuis. A dele tinha duas rodas.

Depois de perder a casa — e as duas pernas — buscou o terminal como refúgio. Conseguiu reunir documentos para receber um benefício. Hoje mora de aluguel, mas, como fez na última terça-feira, sempre volta para rever os companheiros de madrugadas.

Arredio, não quis se identificar, conversar com a reportagem ou posar para fotos. Todo o direito. Conseguiu se mudar dali. Sua última parada é outra. A mesma que mora nos sonhos de dona Elisabete.

Semps promete fazer abordagem no local

A Secretaria de Promoção Social e Combate à Pobreza (Semps) informou que realizará uma ação de abordagem na Rodoviária de Salvador nos próximos dias. No caso do terminal rodoviário, administrado pela Sociedade Nacional de Apoio Rodoviário e Turístico Ltda (Sinart), a Semps garantiu que costuma realizar atendimento imediato quando acionada pela equipe de serviço social da empresa.

A secretaria informou ainda que inscreve os acolhidos em projetos e benefícios socioassistenciais, inclusive os chamados benefícios eventuais como o Auxílio Moradia e o Auxílio Passagem. O órgão também encaminha moradores de rua para retirada de documentos, além de inscrevê-los em benefícios como

o Bolsa Família e o Minha Casa Minha Vida.

“O trabalho com cada indivíduo/ família é realizado de forma individual e, em média, dura de três a seis meses. Após este período, aqueles que adquirem a autonomia necessária para gerir a própria vida, são inseridos no programa para recebimento do Auxílio Moradia, benefício no valor de R\$300,00 mensais”, informou a Semps, em nota. Em Salvador, há 760 pessoas recebendo o Auxílio Moradia, referente ao perfil de população em situação de rua.

Segundo a Semps, em 2016 foram cadastrados 1.980 moradores de rua, sendo 1.547 homens e 433 mulheres. De janeiro a abril de 2017, 1.136 pessoas foram cadastradas — 235 mulheres e 901 homens.



No chão não pode! A não ser que seja escondido da segurança